

Economia domina o debate

Do Correspondente

Florianópolis — A presença de apenas três presidenciais no primeiro debate sucessório após definidas as candidaturas, realizado ontem pela manhã, em Florianópolis, não permitiu uma maior comparação entre os candidatos à presidência da República. Cerca de 200 empresários pagaram NCz\$50,00 para ouvir por quase quatro horas, os candidatos Mário Covas (PSDB), Paulo Maluf (PDS) e Roberto Freire (PCB). Leonel Brizola (PDT) cancelou, no início da manhã, sua participação, em função do internamento de sua esposa, dona Neuza.

O candidato "tucano", Mário Covas, empolgou mais os empresários catarinenses. Ele mostrou-se bem preparado para os debates que serão realizados entre os candidatos, respondendo com segurança às perguntas formuladas pelos organizadores do fórum "Presidenciais: análise para um novo Brasil". Esta foi a opinião de 7 dos 10 empresários consultados pelo **CORREIO BRAZILIENSE**, após o debate, não significando, entretanto, intenção de voto.

Como a platéia era essencialmente ligada ao setor empresarial, os debates seguiram pelo caminho da economia. A questão mais levantada foi a posição dos candidatos sobre a intervenção do Estado na economia e as saídas para a crise nacional.

O candidato do PCB, Roberto Freire, não se intimidou ao falar para a nata do empresariado catarinense e defendeu a intervenção do Estado na economia, no que se refere ao planejamento e ao controle da produção, mas admitiu as iniciativas mistas, que envolvam o Governo, a iniciati-

va privada nacional e o capital externo.

Já o senador Mário Covas disse concordar com a livre iniciativa, garantindo que caso eleito, irá privatizar setores estatais. "O Estado deve se preocupar com a área social", defendeu o candidato "tucano".

Sempre ressaltando que suas propostas são as do partido ao qual está filiado, Mário Covas disse também que, eleito, acatará a decisão do Congresso Nacional sobre o parlamentarismo. "Em dois anos os deputados e senadores devem votar se querem ou não o parlamentarismo. Eu aceitaria, na presidência da República, as decisões do Congresso", ressaltou.

O deputado Paulo Maluf seguiu pela sua tradicional linha populista, conseguindo até mesmo arrancar alguns aplausos da platéia, ao afirmar que doou, enquanto governador de São Paulo e deputado federal, seus salários para instituições de caridade.

Paulo Maluf foi certamente o candidato que falou o que mais os empresários queriam ouvir. Defendeu incentivos do Governo às indústrias, falou em privatizar setores importantes da economia e ainda por cima combateu o déficit público. Suas palavras mais empolgadas foram as que trataram da corrupção.

"A crise brasileira é de moral, de autoridade. Ou nós moralizamos o País, ou o Governo tem autoridade, honestidade, ou o povo não acreditará mais no Governo", disse, sem constrangimento, Paulo Maluf. O senador Mário Covas lembrou a ele a criação da Paulipetro, como experiência mal-sucedida no governo Paulo Maluf, sendo esta a única acusação direta entre os candidatos no debate.